



MÉTODO EM MARX: uma abordagem científica para o Serviço Social

JUSTINO, Aline Aparecida

RESUMO: Este artigo tem por objetivo situar a importância do método de Marx para a produção de conhecimento da nossa área de atuação, bem como compreender como o método científico tradicional e a racionalidade formal-abstrata são instrumentos que a classe dominante utiliza para exercer sua dominação sobre a classe trabalhadora. A recusa do método de Marx no meio acadêmico e científico, além de perseguição e patrulhamento ideológico, desprezam a pluralidade e o respeito ao pensamento ocidental que nos últimos dois séculos produziram ciência social sob tal perspectiva. Queremos pontuar ainda a importância da pesquisa para o Serviço Social como parte constitutiva do perfil profissional, com destaque para a ideia de que produzir conhecimento não deve ser competência somente de docentes e especialistas, a atitude investigativa deve acontecer também para fora do espaço acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: método em Marx; ontologia, pesquisa em Serviço Social.



1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo situar a importância do método de Marx para a produção de conhecimento da nossa área de atuação, bem como compreender como o método científico tradicional e a racionalidade formal-abstrata são instrumentos que a classe dominante utiliza para exercer sua dominação sobre a classe trabalhadora. Levando em consideração a falta de entendimento dessa perspectiva enquanto um método científico reconhecido por uma parte da comunidade científica¹ e acadêmica, entendemos que é importante realizar uma abordagem ontológica de método científico, e também compreender a relevância do referencial teórico-metodológico marxiano para a pesquisa no Serviço Social.

Acreditamos que a recusa do método de Marx no meio acadêmico e científico, além de perseguição e patrulhamento ideológico, desprezam a pluralidade e o respeito ao pensamento ocidental que nos últimos dois séculos produziram ciência social sob tal perspectiva.

Queremos pontuar ainda a importância da pesquisa para o Serviço Social como parte constitutiva do perfil profissional, com destaque para a ideia de que produzir conhecimento não deve ser competência somente de docentes e especialistas, a atitude investigativa deve acontecer também para fora do espaço acadêmico.

2. A PESQUISA NO SERVIÇO SOCIAL

É de conhecimento comum que o Serviço Social hoje é responsável e responde por sua própria produção teórica. E embora isso ocorra há alguns anos é sabido também que, faz pouco mais de 30 anos que a pesquisa acadêmica (que ganhou destaque enquanto produtora de conhecimento) é parte orgânica do perfil profissional. “Os anos 80 marcam uma etapa de amadurecimento da produção teórica profissional, sendo a Universidade a grande protagonista deste processo” (BOURGUIGNON, 2007, p. 47). Se comparada com

¹ Vide caso recente do parecer negativo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES ao projeto *‘Crise do capital e fundo público: implicações para o trabalho, os direitos e as políticas sociais’* alegando que “método dialético-materialista não é científico”.



outras áreas de conhecimento veremos que a profissão amadureceu, mas sua trajetória enquanto produtora de conhecimento “autônoma” é recente.

É verdade também que antes dos anos de 1980 os profissionais desenvolveram atividades investigativas e/ou participaram de projetos e atividades de pesquisa, porém não de forma tão sistematizada como nos dias atuais. Nesse período “[...] a pesquisa não se punha como elemento substantivo nos papéis atribuídos e incorporados pela profissão” (NETTO, 2009, p. 667). Isso se deve ao fato de que os cursos de pós-graduação da área iniciaram somente em 1970, levando em conta que o Serviço Social brasileiro já contava com mais de três décadas de existência, “vê-se, pois, que as atividades de pesquisa inseriram-se tardiamente em nosso campo profissional” (NETTO, 200, p. 668).

Contudo, segundo Lara (2007, p.74), esses anos de maturidade legaram ao Serviço Social “significativa produção de conhecimento nas mais diversas áreas e subáreas das ciências sociais”, sendo responsável hoje por significativos avanços nos mais diversos campos de ação profissional (elaboração e execução de políticas públicas, construção da proposta curricular para os cursos de graduação, entre outros).

Interessa-nos ressaltar que todo esse desenvolvimento da pesquisa não foi algo puramente casual, esteve intimamente ligado à conjuntura do país naquele momento e com o próprio movimento interno da categoria profissional. Na transição da década de 1970 para 1980 o projeto ético-político profissional com a chamada *intenção de ruptura*² se aproxima da Universidade e a inserção dos profissionais no espaço acadêmico possibilitou o aprofundamento da crítica ao tradicionalismo naquilo que Netto (2005, p. 12) chamou de “interlocução crítica com as ciências sociais”.

A interação do Serviço Social com as mais diversas áreas da ciência no espaço acadêmico criou – além da oportunidade para o desenvolvimento da pesquisa e da produção do conhecimento –, o rompimento da profissão enquanto receptor “acrítico dos produtos das ciências acadêmicas (notadamente norte-americanas)” (NETTO, 2005, p. 12).

Ainda segundo Netto (2005), essa aproximação do corpo profissional com o espaço acadêmico lança novas bases para interlocução do Serviço Social com as ciências sociais, abrindo-se para novas influências do pensamento social e, portanto, com a tradição marxista. Esse contato com a obra de Marx, que se inicia de forma ainda heterogênea nesse momento de transição, ganha força na década de 80 quando a profissão passa a reconfigurar sua estrutura teórica, metodológica e ideológica com base na tradição marxista,

² “A emergência visivelmente objetivada desta perspectiva renovadora está contida no trabalho levado a cabo, mais notadamente entre 1972 e 1975, pelo grupo de jovens profissionais que ganhou hegemonia na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais, onde se formulou o depois célebre ‘Método Belo Horizonte’. É na atividade deste grupo que a intenção de ruptura se explica originalmente em nosso país, assumindo uma formulação abrangente que até hoje se revela uma arquitetura ímpar” (NETTO, 2006, p. 261).



e conseqüentemente passa a adotar esse referencial teórico-metodológico enquanto método científico de produção de conhecimento.

2.1 OS CAMINHOS PARA SE FAZER CIÊNCIA

Um dos problemas enfrentados pela pesquisa científica é que ela está submetida à lógica de produção do capitalismo e, conseqüentemente, à concepção burguesa de produção de conhecimento. “Método científico se tornou, pura e simplesmente, sinônimo de método científico moderno” (TONET, 2013, p. 9) o que significa dizer que para esta concepção só há um caminho para se fazer ciência, só há um método adequado para se produzir conhecimento, e esse método único e verdadeiro é a concepção burguesa de método científico. E padrão moderno de método quer delimitar e dizer o que é, e o que não é ciência. Dentro dele há ciência verdadeira, fora dele existem “crenças, ideologias, superstições, etc.” (TONET, 2013, p. 9). Não por acaso, essa forma de se fazer ciência está voltada aos interesses produtivos do capital e também, não por coincidência, “vai de par, de modo geral, com a ideia de que a sociedade moderna ou, até aquela chamada pós-moderna³, é a forma definitiva da sociabilidade” (TONET, 2013, p. 9).

Ainda segundo Tonet (2013), qualquer outra abordagem científica, sobretudo aquela que questione essa forma “única e verdadeira” de se fazer ciência é desqualificada, sendo declarada sem sentido ou ideológica e, portanto, não científica – como no caso do parecer negativo da CAPES ao projeto citado no início do artigo. Acreditamos que essa forma de abordar a questão da produção do conhecimento mascara a realidade, criando a ilusão de que não há outros caminhos para se fazer ciência, impedindo assim a formação de uma consciência crítica perante a realidade.

Contudo, leituras mais atentas podem nos mostrar que a questão do método científico pode ser abordada sob dois pontos de vista distintos, a *gnosiológica* ou a *ontológica*. Evidentemente que a metodologia científica tradicional não esclarece isso, e “[...] não esclarece porque, para ela, não existem dois caminhos, mas apenas um” (TONET, 2013, p. 11). É importante destacar que ambas as abordagens não são construções

³ Segundo Tonet (2006, p. 8) “sabe-se que o pensamento que se chama de pós-moderno está longe de ser algo homogêneo. Mas, não será irrazoável afirmar que o abandono das categorias da totalidade e da essência está entre as características comuns a todas as formas desse pensamento. [...]. De modo que se pode dizer que esse pensamento, apesar de sua pretensão de opor-se radicalmente ao pensamento moderno, nada mais é do que a elevação à enésima potência daquela concepção *fragmentária da realidade*; daquela dissolução da unitariedade ontológica da realidade que já demarcavam a razão moderna codificada por Kant”.



casuais, puramente subjetivas, tanto visão gnosiológica quanto ontológica, são produtos histórico-sociais.

Para começarmos a diferenciar uma abordagem da outra, Tonet (2013, p. 12) nos aponta:

Como se sabe, gnosiologia é o estudo da problemática do conhecimento. Nesse caso, portanto, o conhecimento é o objeto a ser estudado, assim como poderia ser qualquer outro objeto. Deste modo, o próprio conhecimento (gnosis, em grego) pode ser abordado de um ponto de vista gnosiológico ou de um ponto de vista ontológico.

Por sua vez, a ontologia é o estudo do ser enquanto ser.

Isto é, a apreensão das determinações mais gerais e essenciais daquilo que existe. A ontologia pode ter um caráter geral, quando se refere a todo e qualquer existente ou um caráter particular, quando diz respeito a uma esfera determinada do ser, como por exemplo, o ser natural ou o ser social. (TONET, 2013, p. 12).

Aqui é importante entender que para a discussão do método científico o que irá pesar nas duas abordagens é a relação sujeito/objeto que as visões trazem. Para a gnosiologia a prioridade vai estar do lado do sujeito, para a ontologia o peso maior será dado ao objeto. Para a gnosiologia “o sujeito é o polo reagente do processo de conhecimento. É ele que colhe os dados, classifica, ordena, organiza, estabelece as relações entre eles e, desse modo, diz o que o objeto é” (TONET, 2013, p. 13). Já para a ontologia, a abordagem de qualquer objeto tem como eixo o próprio objeto.

Deste modo, a captura do próprio objeto implica o pressuposto de que ele não se resume a elementos empíricos, mas também, e principalmente, àqueles que constituem a sua essência. [...] Neste sentido, não cabe ao sujeito criar – teoricamente – o objeto, mas traduzir, sob a forma de conceitos, a realidade do próprio objeto. (TONET, 2013, p. 14).

Outro elemento importante a ser destacado, é que a abordagem de caráter ontológica pode ser feita de um ponto de vista metafísico ou de um ponto de vista histórico-social. Como neste trabalho, mesmo que de forma introdutória, estamos buscando situar a importância do método em Marx, daremos ênfase à compreensão da abordagem ontológica sob o ponto de vista histórico e social (padrão marxiano de conhecimento).

Para situar qualquer relação sujeito/objeto num processo histórico-social se faz necessário pontuar que nossa história transcorre na sociedade capitalista, na qual existem classes sociais, e que a importância desse fato é inegável para o desenvolvimento da ciência e de seus métodos. No entanto, a burguesia enquanto classe dominante e, portanto a que determina o que é, e o que não é ciência, jamais levará em conta esse fator, tendo em vista que sua dominação sobre a classe trabalhadora depende da não compreensão da



essência da sociedade por parte dos oprimidos. Papel que o método científico moderno cumpre muito bem, já que ele mascara a realidade e desqualifica toda abordagem que critique a sociabilidade capitalista e que busque fazer ciência por uma abordagem crítico-ontológica.

2.2 A RACIONALIDADE⁴ PARA COMPREENDER A DOMINAÇÃO DE CLASSE NA CIÊNCIA

Para compreendermos os mecanismos de dominação de uma classe sobre a outra (nesse caso, da classe burguesa sobre a trabalhadora), iniciamos com as palavras de Tonet (2013, p. 16) que descrevem de forma muito clara o processo sobre o qual estamos tentando nos debruçar:

A conquista e manutenção do domínio de uma classe sobre a outra exige que a classe que quer dominar lance mão não apenas de forças materiais, mas também de forças não materiais (ideias e valores). E, para isso, ela deve dar origem a determinada concepção de mundo que fundamente o seu domínio. Deste modo, conhecer e explicar o mundo de determinada forma são condições imprescindíveis para que uma classe conquiste e mantenha o seu domínio sobre as outras.

Assim, partiremos das interpretações de Marx *apud* Guerra (1995, p. 104), quando diz que no sistema capitalista o trabalho que produz mercadorias para a troca passa de meio de satisfação de necessidades do seu produtor para meio de satisfação de necessidades da reprodução do capital. Ao venderem sua força de trabalho, os homens também se transformam em mercadorias e passam a se perceber e se relacionar entre si como coisas, já que para Marx “mercadorias são coisas”. O processo produtivo do sistema capitalista tem a capacidade de converter as instituições e as relações sociais em instrumentos e meios de reprodução do capital. Portanto, segundo Guerra (1995), para que a ordem burguesa mantenha essas inversões, e reforce a mercantilização das relações sociais e a coisificação dos homens, é preciso um conjunto de mecanismos de regulação e controle social.

Como nos aponta Tonet (2013) no início desta seção, a classe burguesa além de deter o monopólio do Estado⁵, incorpora outros mecanismos de controle para seguir se

⁴ Enquanto categoria intelectual, a “racionalidade” contempla um nível de generalidade tal que nos possibilita captar a *unidade objetiva* dos processos sociais, remetê-los aos marcos do sistema capitalista, apanhar tanto as determinações que se mantêm quanto aquelas que se transformam, as conversões, condições e possibilidades contidas nos processos sociais. (GUERRA, 1995, p. 44-45).

⁵ Lembramos que, para Marx, o Estado como mantenedor de interesses universais se torna uma abstração, já que ele encerra interesses bem definidos: o da classe hegemônica. (MARX *apud* GUERRA, 1995, p. 121).



perpetuando no poder, dentre eles, uma racionalidade que se torna hegemônica na sociabilidade capitalista: a *racionalidade formal-abstrata*. Essa racionalidade, enquanto modelo hegemônico da ordem burguesa exerce predominância nas formas de ser e pensar a produção de conhecimento, e sendo racionalidade se transforma em “um conduto de passagem e eixo articulador entre teorias e práticas” (GUERRA, 1995, p. 35).

A racionalidade formal-abstrata deriva das interpretações de Émile Durkheim (1858-1917), figura expressiva da tradição positivista, que a partir da metade do século XX exerce influencia, principalmente no âmbito acadêmico, nas teorias sociais sob a forma de modelo de explicação e ordenação da realidade social. Ao propagar-se na sociedade e se transformar em padrão de relação entre os homens, essa racionalidade, que também é denominada de razão instrumental, “é uma dimensão da razão dialética, e como tal, limita às operações formal-abstratas e às práticas manipulatórias e instrumentais, fragmentadas, descontextualizadas e segmentadas [...]” (GUERRA, 2002, p. 61).

Sinteticamente, podemos dizer que a racionalidade formal-abstrata trata a sociabilidade dos homens como produto de uma evolução natural. Por conseguinte, o maior problema dessa racionalidade é que em essência ela nega os aspectos ontológicos da realidade, considerando as relações sociais como processos naturais e exteriores aos sujeitos. Guerra (1997, p. 14) diz que,

[A racionalidade formal-abstrata] forja, mistifica, nega os aspectos ontológicos da realidade e, conseqüentemente, a possibilidade do sujeito intervir sobre essa realidade que, segundo o pensamento conservador, é dada objetivamente por conexões causais, possui uma legalidade férrea e uma “positividade” que garante a manutenção, cristalização e permanência de determinadas formas de comportamento e pensamento sob e sobre a ordem social burguesa.

Ao tratar os fenômenos sociais como processos naturais, a racionalidade burguesa se torna a lógica necessária para a manutenção da ordem capitalista, visto que esta concebe a razão como algo que brota acima dos homens, que é dada por modelos prontos e não pelas relações sociais concretas. Para Guerra (2000, p. 16) “é uma racionalidade subordinada e funcional: subordinada ao alcance dos fins *particulares*, dos resultados *imediatos*, e funcional às estruturas”. Quer dizer, essa razão se torna funcional ao capital na medida em que se constitui como um conjunto de práticas e funções que não se importam “nem com a correção dos meios nem com a legitimidade dos fins”.

É esse referencial teórico-metodológico positivista e estrutural-funcionalista, que domina a concepção de método científico moderno, que por sua vez é a tradução da concepção burguesa de ciência moderna. Essa racionalidade que está impregnada nas formas de ser e pensar a realidade não atravessa somente a produção de conhecimento,



mas por vezes a atuação cotidiana da nossa categoria profissional que se limita a atuar de forma mecânica e pragmática.

Acreditamos que para romper com essa lógica positivista impregnada na atuação profissional e na produção de conhecimento – ambos como sendo o único caminho de análise da realidade –, é preciso se apropriar do método marxiano, uma abordagem ontológica não só da práxis profissional, mas do método científico, da produção de ciência. Um método histórico-materialista, que analisa a sociedade a partir do ponto de vista da totalidade, resultado de múltiplas determinações sócio-históricas, consequência da prática de homens e mulheres concretos e reais. “Uma forma de sociabilidade radicalmente nova requer uma forma essencialmente nova de produzir conhecimento” (TONET, 2013, p. 19).

2.3 UMA ABORDAGEM ONTOLÓGICA PARA A CIÊNCIA

Para falar de método em Marx iniciamos por dizer que poucas vezes na história Marx se deteve explicitamente sobre a questão do método, ele não produziu livros sobre o método, o que em essência está em conformidade com sua perspectiva de análise, já que ele não considerava o método um manual que resultasse em um conjunto de regras a serem aplicadas à realidade, escrever um manual sobre o método seria contraditório. Assim que, tendo escrito pouco sobre o método em si, inúmeras deturpações e interpretações equivocadas surgiram ao longo da história.

“O estudo da concepção teórico-metodológica de Marx apresenta inúmeras dificuldades – desde as derivadas da sua própria complexidade até as que se devem aos tratamentos equivocados a que a obra marxiana foi submetida” (NETTO, 2011, p. 11). Contribuiu muito pra isso o totalitarismo do governo stalinista da URSS, que ao fazer uma representação simplista da obra de Marx, produziu uma “espécie de saber total, articulado sobre uma teoria geral do ser (o materialismo dialético) e sua especificação em face da sociedade (o materialismo histórico)” (NETTO, 2011, p. 12).

Sobre esta base surgiu farta literatura manualesca, apresentando o método de Marx como resumível nos “princípios fundamentais” do materialismo dialético e do materialismo histórico, sendo a lógica dialética “aplicável” indiferentemente à natureza e à sociedade, bastando o conhecimento das suas leis (as célebres “leis da dialética”) para assegurar o bom andamento das pesquisas. (NETTO, 2011, p. 12-13).



Ainda segundo Netto (2011), sob essa perspectiva reducionista o método marxiano aparece como uma fórmula pronta, aplicável a qualquer problema. Nessa lógica todos os problemas submetidos ao referencial teórico-metodológico marxiano deveriam ser solucionados a partir de uma análise econômica que forneceria explicação do todo (sistema político, formas culturais, etc), ou seja, explicações “monocausalistas”. Que, diga-se de passagem, já são compartilhadas por vários teóricos da burguesia, como Marx Weber, por exemplo.

Lukács (1974, p.14) vai dizer que “é o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa”. A totalidade é a categoria chave para compreender a abordagem ontológica de método científico, pois para Marx, a sociedade capitalista é uma totalidade concreta. “Não é um ‘todo’ constituído por ‘partes’ funcionalmente integradas. É uma totalidade concreta de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade” (NETTO, 2011, p. 56).

O método em Marx parte da aparência do real, e por meio da abstração⁶ alcança a essência do objeto, busca extrair as categorias que sustentam a dinâmica interna da sociedade capitalista. Que significa dizer, capturar a lógica da realidade, capturar a essência da realidade produzida pela própria humanidade. Aqui vale destacar, como nos mostra Tonet (2013) *capturar* a lógica da realidade e *impor* uma lógica à sociedade é completamente diferente uma coisa da outra. E é justamente o que distingue uma abordagem ontológica de uma abordagem gnosiológica de método científico.

Ainda sobre a abstração, também como destaca Tonet (2013, p. 120), é a ferramenta mais apropriada e indispensável ao pesquisador⁷, pois como advertia o próprio Marx, “[...] a realidade social não pode ser submetida aos mesmos processos experimentais utilizados no estudo da realidade natural. Técnicas e procedimentos similares serão sempre apenas meios auxiliares”.

Assim, concordamos com Fernandes (2012), quando aponta que a abordagem ontológica de método científico (e de análise da realidade) não é um conjunto de normas e regras a serem aplicadas à realidade social. O método em Marx é um tipo de pesquisa

⁶ A abstração é a capacidade intelectual que permite extrair da sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável – aliás, no domínio do estudo da sociedade, o próprio Marx insistiu com força em que a abstração é um recurso indispensável para o pesquisador. (NETTO, 2011, p. 44).

⁷ Para bem compreender essa questão é preciso sempre ter em mente que o conhecimento é um processo em que estão presentes, embora em níveis diferentes, o momento da *universalidade*, da *particularidade*, e da *singularidade*. Assim, ao separar (abstrair) algum elemento particular ou singular, este elemento não perderá seu vínculo, ainda que muito tênue, com a universalidade. É, portanto, essa articulação entre *universalidade*, *particularidade* e *singularidade*, sempre ao longo de um processo concreto, que permitirá verificar se a abstração que está sendo realizada é verdadeira ou não (TONET, 2013, p. 120-121, grifos nossos).



histórica revolucionária, em sua forma e em seu conteúdo, que busca na luta de classes (essência da sociedade burguesa) a chave para interpretar o futuro em perspectiva histórica e totalizadora, que foge do esquema liberal de ciência aplicada, da qual a classe dominante se utiliza para dominar não só a forma de se fazer ciência, mas as formas de ser e estar no mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo feito tais considerações não é difícil compreender o porquê do referencial teórico-metodológico marxiano sofrer perseguições no campo das ciências, sobretudo no meio universitário. Seu método crítico e dialético, ao considerar a essência da sociedade expõe as contradições da sociabilidade capitalista, refuta a ideia da sociedade como algo dado e impossível de ser transformado. Ora, se a sociedade é produto das relações sociais por ela concebida, fruto do processo histórico-social da humanidade, então está inteiramente nas mãos dos homens e mulheres a possibilidade de mudança e superação da lógica burguesa. Uma abordagem ontológica do método científico parte “do momento em que os homens são representados como atores e autores de sua própria história” (MARX *apud* LARA, 2011, p. 14), e, portanto é um método científico revolucionário, diferente daquele proposto pela ciência moderna e que caminha de mãos dadas com a ideia de que o mundo é enquanto tal, e por isso, impossível de ser modificado.

A nosso ver, para o assistente social a ideia de um mundo que não pode ser transformado é inconcebível. Para nós, significa dizer que, ao compreender a *questão social*⁸ como a essência contraditória da sociabilidade capitalista não devemos abrir mão da abordagem ontológica de método científico para o Serviço Social. Embora nosso campo de produção de conhecimento se aproprie com maior ênfase das perspectivas: positivista, fenomenológica e materialista-dialética, esta última é sem dúvida a que possibilita revelar o caminho do entendimento do real.

É claro que a ideia aqui não é fazer o que a ciência burguesa faz e se colocar como único e verdadeiro caminho para se fazer ciência, pois ao contrário da metodologia científica tradicional, a abordagem ontológica reconhece outras formas de se fazer ciência, não se

⁸ Entendemos a raiz da *questão social* como a contradição entre duas classes, expressada na exploração da classe trabalhadora e na apropriação privada dos meios de produção por uma pequena minoria da população, a classe burguesa (ou capitalista).



colocando como estatuto de única ciência verdadeira. Nesse sentido, destaca Tonet (2013, p. 10):

Vale enfatizar que não se trata de desconhecer, negar, desqualificar ou menosprezar os ganhos obtidos a partir dos outros paradigmas. Trata-se de compreender cada um deles em sua configuração histórica e social; compreender a sua origem, a sua natureza e a função que cada um deles exerceu e exerce na reprodução do ser social.

Tentamos até aqui mostrar como o método científico tradicional, e a racionalidade formal-abstrata são instrumentos que a classe dominante utiliza para exercer sua dominação sobre a classe trabalhadora, regular as relações sociais, produzir ciência sob um ponto de vista alienado, que muitas vezes contribui para mascarar a realidade social e para manter o *status quo* da lógica burguesa de reprodução social.

É urgente e necessário que essa lógica seja superada, na prática profissional e na produção de conhecimento de nossa área. O patrulhamento ideológico deve ser enfrentado, assim como o pragmatismo que insiste em permanecer nas atuações profissionais, “nenhum/a assistente social pode pretender qualquer nível de competência profissional caso se prenda exclusivamente aos aspectos imediatamente instrumentais e operativos da sua atividade” (NETTO, 2009, p. 700). Concordamos com Netto quando diz que a pesquisa é indispensável ao Serviço Social:

É impossível imaginar o desenvolvimento profissional sem que, na categoria profissional, exista um segmento dedicado expressamente à pesquisa – e tudo indica que tal segmento encontra seu espaço específico na universidade. [...] Mas é preciso dizer, também claramente, que todo/a assistente social, no seu campo de trabalho e intervenção, deve desenvolver uma atitude investigativa. (NETTO, 2009, p. 668-669)

Estamos convencidas de que sem a devida apropriação do referencial teórico-metodológico marxiano não superaremos as aparentes intransponíveis barreiras das quais nos deparamos no dia-a-dia, seja em nossa atuação “na ponta”, ou em nossa produção científica de conhecimento, hoje em dia tão bem reconhecida pelas ciências sociais. É fundamental desenvolvermos de fato “uma atitude investigativa numa perspectiva compatível com o espírito do método de Marx” (NETTO, 2009, p. 700).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURGUIGNON, J. A. A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social. **Revista Katálysis**, [S.l.], p. 46-54, abr. 2008. ISSN 1982-0259.

FERNANDES, F. **Marx, Engels e Lênin: a história em processo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Ontologia do ser social: bases para a formação profissional. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 54. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 62. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Instrumentalidade no trabalho do Assistente Social. In: **Capacitação em Serviço Social e Políticas Sociais**. Módulo IV: O trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília: UNB, CEAD, 2002.

IAMAMOTO, M. V. O Serviço Social na cena contemporânea. In: **Serviço Social: Direitos Sociais e competências Profissionais**. Brasília CFESS/ABEPSS, 2009.

LARA, R. Pesquisa e Serviço Social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. **Revista Katálysis**, [S.l.], p. 73-82, abr. 2007. ISSN 1982-0259.

LARA, R. Considerações sobre a Ontologia histórico-materialista. In: COLÓQUIO NACIONAL MARX E O MARXISMO, 2011, Niterói. **Anais do Colóquio Nacional Marx e o marxismo 2011: teoria e prática**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011a, p. 01-15.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. Porto: Escorpião, 1974 [edição brasileira: São Paulo: Martins Fontes, 2003].

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. **Introdução ao método na teoria social**. CFESS/ABEPSS, *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009, p.667-700.

TONET, I. **Método Científico uma abordagem ontológica**. Maceió: Instituto Lucáks, 2013.

_____. **Modernidade, pós-modernidade e razão**. Maceió, 2006. Disponível em: <http://ivotonet.xp3.biz/arquivos/MODERNIDADE_POS-MODERNIDADE_E_RAZAO.pdf>. Acesso em: 07 de dezembro de 2016.